

# jornal da tarde

Publicado pelo S.A. O Estado de S. Paulo  
Av. Engenheiro Coetaneu Álvares, 55, tel.: 856-2122 (PABX).



Fundado em 1875

JÚLIO MESQUITA  
(1891 - 1927)

JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA  
(1927 - 1969)

Diretor Responsável

RUY MESQUITA

Directores

José Vieira de Carvalho Mesquita  
Júlio de Mesquita Neto  
Luiz Vieira de Carvalho Mesquita  
Ruy Mesquita  
César Tácito Lopes Costa  
José M. Homem de Montes  
Oliveiros S. Ferreira

## Nem tudo está perdido, presidente Sarney.

Não sabemos se houve algum caso parecido na história de algum outro país. No Brasil o fato é inédito: é a primeira vez que um presidente da República declara a um jornalista que o regime que preside está desmoronando e que não há forças, nos horizontes políticos do país, capazes de deter esse processo que levará à sua substituição por um regime socialista totalitário.

Que o sr. José Sarney fizesse essa previsão pessimista para os seus familiares ou amigos mais íntimos, numa espécie de desabafo que traduzisse o seu estado de prostração ante a constatação da própria impotência política, vá lá. Mas que o presidente da República confesse essa prostração e essa impotência em entrevista a um dos jornais mais importantes do país é tão fora de propósito que se esse jornal não se chamasse **O Estado de S. Paulo** todo mundo teria o direito de ficar esperando o desmentido oficial.

Quando, no seu rompante destemperado, o presidente diz que "não há no horizonte forças capazes de reverter esse quadro", ele está, evidentemente, se referindo a esse limitadíssimo "horizonte" político-partidário de cuja perspectiva ele sempre enxergou o Brasil. E não há nada que deforme mais a realidade brasileira do que essa perspectiva.

Assim, apesar do absurdo da declaração, partindo de um presidente da República, pode-se admitir que ela tem um fundo de procedência. Afinal, o que houve no dia 15 de novembro, como já afirmamos diversas vezes em nossos editoriais, não foi uma vitória de quem quer que seja, mas a derrota completa dessas forças que, segundo Sarney, seriam "capazes de reverter o quadro" se se unissem. Não, presidente Sarney. Esse desejo de derrotar essas forças expresso nas votações que fizeram crescer o PT, esse é irreversível. Essas forças que foram desbaratadas porque estiveram no poder desde o primeiro dia da "nova" República e, mais hegemonicamente, desde 15 de novembro de 1986, e produziram a maior frustração jamais experimentada por este povo, tão acossado por frustrações — como foram antes a renúncia de Jânio Quadros e a morte de Tancredo Neves —, essas não têm nem como "se organizar" porque simplesmente deixaram de existir.

Mas isso não significa que o campo político está franqueado à esquerda totalitária e que amanhã a experiência que Gorbachóv está tentando encerrar 70 anos depois de inaugurada será recomeçada neste **impávido colosso** da América do Sul.

Até dona Erundina e o Lula da Silva, tendo aprendido o **bê-a-bá** do marxismo-leninismo, sabem que o presidente Sarney está exagerando. Sabem que uma sociedade que exhibe o dinamismo econômico que exhibe o Centro-Sul brasileiro e que já atingiu, nessa região, o nível de desenvolvimento que atingiu saberá produzir suas defesas políticas para impedir que o país comece a andar para trás no caminho já percorrido.

Pode o presidente Sarney estar certo de uma coisa: uma vitória do senhor Salim Maluf na última eleição em São Paulo teria contribuído muito mais para nos aproximar de uma solução antidemocrática qualquer — totalitária, da esquerda, a longo prazo, ou ditatorial, da direita, a prazo mais curto — do que a vitória do PT que, insistimos, representou um progresso no caminho da verdadeira democracia na medida em que parece garantir um sensível **saneamento** da área política, com uma conseqüente autenticação do debate político-ideológico.

Sem menosprezar os perigos que representa o fortalecimento, por via eleitoral, de um partido que tem confessadamente um **projeto alternativo** para a democracia "burguesa" que a maioria esmagadora dos brasileiros continua desejando, apesar da contribuição dos políticos no poder para desmoralizá-la, não hesitamos em afirmar que a extirpação pela cirurgia eleitoral de alguns tumores malignos que há muito tempo estavam instalados em nosso organismo político-partidário dará muito melhores condições a esse organismo para produzir defesas naturais contra esse outro tipo de vírus antidemocrático do que as que teria se os tumores malignos não tivessem sido extirpados.

"Tanto empresários como políticos perderam as referências de valores permanentes do pensamento liberal", diz o presidente Sarney no seu lamentável pronunciamento. Na verdade contam-se nos dedos os políticos que, na "nova" República, vinham atuando em função de "referências de valores permanentes do pensamento liberal" e apenas recentemente começou a surgir, entre os empresários brasileiros, uma corrente ponderável dos que atuam em função desses valores.

Até a eleição do último 15 de novembro a grande maioria dos políticos e dos empresários brasileiros limitava-se a participar da competição pela obtenção da proteção e dos favores do Estado brasileiro.

A nova Constituição que entrou em vigor em 5 de outubro passado é o reflexo fiel desse tipo de mentalidade e de comportamento. E a inflação desenfreada, que foi o grande cabo eleitoral do partido do senhor Lula da Silva, é o produto inevitável da elefantíase desse Estado.

O presidente Sarney e os militares que tanto contribuíram para que a elefantíase tomasse conta do organismo estatal já sabem hoje que o maior perigo para a democracia brasileira não decorre do crescimento eleitoral do PT mas sim do fato de o PT, por meio do seu braço sindical da CUT, exercer um domínio quase completo sobre esse monstro estatal, particularmente sobre seu braço empresarial.

O fato de o PT, que já dispõe do controle indireto desse monstro estatal, surgir agora com chances concretas de conquistar legitimamente o seu controle político, só pode contribuir para que se mobilizem as forças capazes de reverter o quadro que não é aquele pintado por Sarney, mas que é indiscutivelmente bastante sombrio: o quadro da elefantíase estatal. As for-

ças que Sarney não vê no horizonte, mas que estão aí, majoritárias como sempre foram, embora até agora não tenham encontrado quem seja capaz de conduzi-las à vitória final e definitiva. Diante da ameaça do **projeto alternativo** do PT e da derrota de tantas lideranças **fajutas** tornou-se mais fácil encontrar as lideranças autênticas.